

ção e não de construção. O sistema representativo exprimia, no campo politico, a fase desorganizada da luta de classes, para prevalecimento de grupos, que iam até ao absurdo de serem antinacionais. Cisões no cerebro de um povo, absurdas e demolidoras. Tais conceitos têm que ser superados. Não somente o Estado não deverá exprimir aquela luta, como terá de dominar todas as actividades economicas, ser o organismo etico, que absorva todas essas actividades, quando tenham um conteúdo moral e social, elevando-as a função.

A introdução do fator moral, supremamente construtivo, na vida social, inverte a posição do problema. Para maior rendimento utilitario de todos, têm os grupos sociais que evitar o estrago dinamico da luta do periodo caótico, para viverem coordenados e não em opposição, para cooperarem e não para se elidirem. E' contraria á lei do minimo esforço uma cadeia de sobrepujamentos e reações; por isso, segundo a lei de evolução, tem de cair. A luta de classes pode considerar-se uma enfermidade social do periodo envolvido, um facto patologico vencido. O sonho de demolir o capital, para realizar o advento de um proletariado supremamente inapto, na sua inconsciencia, a qualquer função diretora, significa secar as fontes da riqueza de todos. Superabundancia e violencia, desfrutação da ignorancia popular por egoismos politicos, não resolveriam o problema da riqueza. Filosofia economica de decadencia, mecanismo de destruição.

Mas, está nas leis da vida a ascensão a uma fusão e solidariedade de todas as forças da produção, sem opressões, nem supressões, dando lugar a todos, para que todos dêem a sua contribuição. E todas as classes encontrarão no colaboracionismo reconhecimento e proteção, o lavrador do pensamento e o lavrador da terra, o soldado e o operario. Colaboração, não luta de classes. *A propriedade é base natural do edificio economico*, tal como a familia o é do edificio social; é, como esta, *lei da natureza, vigente mesmo no mundo animal. Destruir essas unidades primordiais e insubstituíveis é demolir a natureza humana*. O instituto da propriedade, criado para a propria defesa dos vencedores na luta economica, atacado pelos vencidos, permaneceu sempre e permanecerá, apesar de todas as tentativas de demolição, porque corresponde á necessidade fundamental de defender uma posição que todos, embora alternativamente, acabam por ocupar. Isto significa elevar tudo, ao passo que, antes, tudo significava descer; nada destruir, criar tudo. A's revoluções destrutivas tem que suceder uma revolução construtiva, enquadrando todas as forças e com elas constituindo uma unidade; ás revoluções que partem de baixo para demolir, sucederá uma revolução descendo do alto para construir: descida das aristocracias do pensamento, para levantar os humildes, ascensão dos humildes á compreensão. A tarefa das classes não é

elidirem-se, mas compartilharão dos frutos da mesma civilização, encaminhando-se para uma compreensão reciproca. A tarefa da classe dirigente não é dominar, mas educar a plebe dos tumultos, velho instrumento de vinganças, muitas vezes vitima das represões, sempre massa ignara, amorfa e cega, afim de transforma-la em povo que ascende para a mais alta consciencia coletiva.

XCIX — O Chefe.

Qual será o chefe, nesse novo organismo a surgir para a vida? Como o escolherá e lançará para o alto a historia? Ha momentos em que ela atravessa uma curva decisiva, em que se dá a maturação da fase resolutive de uma civilização milenaria, em que imensas maturações sociais se acham iminentes, no alvorecer de novas civilizações. A humanidade, então, parece perder-se em crises e conflitos e todo o passado como que se esborôa. Então, as forças da vida invocam o genio que interprete e crie e os equilibrios da lei o trazem á luz, valorizam-no em plena eficiencia, convergindo a sustenta-lo as forças do imponderavel, afim de que ele plasme e eleve. Então, o homem que haja operado, pelo seu trabalho intimo, a sua maturação biologica, é chamado, por atração, á linha de uma especialização maior, afim de que dê todo o seu rendimento á obra coletiva que lhe é confiada e que se torna sua. A vida do Chefe é missão suprema. Esses fenomenos não constituem misterio para nós que nos encontramos sempre em movimento, aderentes á substancia no imponderavel.

E' pueril, dentro desse desencadeiamento de forças titanicas, procurar a razão das coisas nas velhas formulas humanas. A grande Lei, que no intimo sustenta todas as coisas, tudo amadurece, em perfeita harmonia, para metas nunca fortuitas. A vida dos povos tem seus equilibrios profundos, como a vida inorganica e a organica, e, assim como estas produzem, no momento da maturação evolutiva, a molecula ou a celula, tambem a vida dos povos produz, no momento decisivo da evolução biologica, o seu homem, a sua celula superior, trazida á luz pela tensão de todas as forças da vida, a explodirem triunfantes, após um oculto esforço secular, afim de que aquela celula cumpra, por lei de coordenação, a sua função de cerebro e de vontade, de direção e de imperio, porque tais são, em natureza, a sua capacidade, diferenciación e função biologica.

Tal será o Chefe, pela sua grandeza, mas tambem pelo seu dever, pela sua satisfação, como pelo seu esforço, pela sua vitoria, como pelo perigo que corre. Nessa função e nesse perigo estão a justiça da suprema lei de Deus e a base, antes divina que humana, de uma investidura sagrada, que, na vida, é missão; estão o seu direito de governar e o dever, para os povos, de obedecer-lhe, unidos todos

diante de Deus, como operários diversos, empregados no mesmo trabalho.

A novíssima afirmação é que o chefe, em momentos excepcionais, é escolhido por *seleção biológica*. No instante decisivo, intervem diretamente a Lei, superando as convenções sociais; manifesta-se uma lei mais verdadeira do que essas convenções. Os povos procuram, por instinto, a célula que preencha a necessária função coletiva do mando, descobrem-na, sentem-na e lhe respeitam a função, não por coação ou convenção, mas espontaneamente, por uma lei que também lhes está no instinto. Quando um povo haja encontrado o seu chefe, que lhe sinta e exprima a alma, lhe coordene as atividades, desempenhe a função biológica de defensor e unificador material e espiritual do novo organismo, descansa contente, com o seu instinto satisfeito, como repousa o do corpo nutrido, o da mãe que tem o filho, porque assegurado está o futuro da vida. Os tumultos da vida política são, como os da fome e do amor, os tumultos profundos da vida que *tem de avançar*.

Na história, nenhum sistema de atribuição de poderes oferece as garantias desse que é substancial, íntimo, não formal, nem exterior. Um chefe de tal espécie emerge dele como produto da vida de um povo e só de um povo que o sabe produzir. As leis biológicas não concedem chefes nos séculos de repouso, nem aos povos impotentes, estereis, condenados. O superhomem não se improvisa, não se alça por sistemas eletivos, por convenções ou coações sociais. A raça é raça, é natureza íntima que se construiu na eternidade, é substância de alma, é uma capacidade única, é um destino, é uma maturação de grandes forças biológicas. O Chefe, assim, de raça, é escolhido, não por voto, mas pelo embate das forças sociais; é filho não dos cálculos das urnas, mas da tempestade em que se debatem os povos pela vida. É escolhido, não pelo consenso de homens, mas pelo consenso das reconditas leis da vida. Ele se impõe, subverte como um furacão o passado, no torvelinho da revolução. Qual a onda que, oriunda do mistério, o lança para o alto? Não o sabe o homem. Todos, porém, se inclinam, porque assim o ordena uma lei mais profunda do que as humanas. Ele se coloca no seu posto, pelo direito que lhe dão o seu destino, a sua raça, a sua capacidade, depurada pelo sangue na luta que não tolera inaptos.

Coloca-se no seu posto e nele permanece. Somente por intrínseco valor poderá ele resistir numa posição que, pela sua altitude, se acha exposta a todos os raios. Esses os verdadeiros controles do poder, as verdadeiras garantias do valor e do rendimento do homem, pois que tenaz é o assalto de todos os instantes, sem tregua a guerra, não havendo muletas para os fracos, nem possibilidade de mentira, em face das leis da vida. Esse o direito substancial, o direito do valor, do mérito, da função, da missão, não apenas o da

legalidade formal. O Chefe estará no seu posto, por ser o órgão máximo de maior vida coletiva e nele permanecerá pelas mesmas leis biológicas, invioláveis, até que se ache exaurida a sua função social.

Substituo o conceito da legalidade humana pelo da justiça divina, que sanciona os valores íntimos. Ponho na base dos fenômenos sociais as leis eternas da vida. No fundo do problema jurídico, vejo sempre o problema biológico, que lhe é a alma; só sendo sólidas as posições do segundo, sólidas serão as do primeiro, que lhe é a expressão. Essa a base substancial da legalidade. Somente se compreendem os motos das forças políticas, jurídicas, sociais, se reduzidos à sua substância biológica. Que sistema mais substancial de escolha e de garantia pode um povo encontrar, do que essa bem mais severa filtração que as leis da vida operam? Qual a lei mais profunda do que a lei biológica, na qual todas as fibras são apuradas? É absurdo pretender-se que o poder seja escolhido de baixo, seja definido por níveis biologicamente menos evolucionados. O sistema representativo é um método para a pesquisa do melhor. Mas, as massas podem aceitar e suportar o superhomem; compreende-lo antecipadamente, não. É a evolução que há de colocar à frente aquele que constitua uma antecipação, para que arraste e plasme os outros, menos evolucionados, que apenas saibam receber e obedecer. Inverte-se então o tradicional conceito: a escolha não provém do número mediocre, mas do alto, das forças da vida. O número é quantidade, incompetente, portanto, para decidir sobre a qualidade. Consistindo a sua missão em educar, terá o Chefe que ser um senhor espiritual que, do alto da sua fase superior, desça e dê, e não um mediocre que suba e pegue. Confio nessa legalidade mais profunda do que humana. Segundo o meu conceito, a base do direito está na capacidade. O chefe mandará com o mesmo direito pelo qual voa a águia. Ele será joeirado a todo instante pelas resistências que garantem as capacidades e a função. Pois que são as forças biológicas que conferem o poder, também são elas que o tiram, logo que cesse a função.

O poder que vem do alto tem um conteúdo muito diverso do daquele que é concedido de baixo. É dever e não direito, função e não conquista, ordem e não arbitrio, sacrifício e missão. Ao superhomem a investitura desce do alto; ele vê o infinito e não admite abusos; entranha-se indissolúvel no seu destino; eterno lhe será o prêmio, além da vida. A mão de Deus o guiará e ele, no próprio mando, obedecerá, não cuidando senão de dar, para realizar-se a si mesmo. Cerebro de um povo, constituir-se-á a super-elevação que guia e ilumina a revolução biológica e impele a vida para as suas fases supremas. Engastará o seu labor na série das criações históricas dos milênios, porquanto nos milênios os homens escolhidos trabalham em cadeia. Atuará na sua fase, em perfeita cor-

responderia com os momentos históricos precedentes e seguintes, sobre a eterna evolução social, maturando o passado, antecipando o futuro. Beberá em fontes que lhe são próprias, a atividade social se transformará, acompanhando a sua visão, que se fixará na evolução jurídica. Educará, criará a consciência coletiva, por saber que essa criação interior antecede a compreensão e é a base da vida dos institutos que depois a exprimem. Não a ciência humana, mas essa visão é que lhe guiará o braço estendido para o futuro em atitude de comando. Torna-se força num turbilhão de forças em busca de novas civilizações. A sua vontade, guiada pela intuição precisa das correntes do pensamento e da vida do mundo, se introduzirá ativa na lei cósmica da evolução. Criando novos institutos sociais, lançará em formas novas os valores morais dos séculos.

No quadro da sua concepção, estará organicamente colocado o Chefe, ao mesmo tempo como idéia e ação. Ele será a sua idéia, posto no centro do seu Estado, que lhe palpita ao redor, como auréola sua, como vida emanante da sua vida. Será um pensamento e uma vontade única, central, responsável, instantânea, não, como nas formas representativas, um pensamento e uma vontade múltipla, cindida, tarda em achar-se a si mesma. O Estado será o organismo que terá nele o cérebro, sendo os cidadãos células inúmeras, investidas de missões menores, numa coordenação harmônica de funções convergentes para o cume. Da periferia ao centro, dos membros ao cérebro, ao coração, haverá uma corrente contínua de permutas, uma descida de pensamento, de força, de consciência, de ajuda; uma subida de contribuições vitais, que se encontrarão no centro e tornarão a descer fecundas. Assim, o Estado será também centro de irradiação moral, alma, fé, religião. A célula individual se sentirá aí mais forte. Pela primeira vez na história, o conceito de Estado absoluto ou representativo estará substituído pelo conceito biológico de Estado orgânico. Os valores morais, os produtos das civilizações do mundo realizarão seu triunfal ingresso no Estado, não mais cindidos em estereis antagonismos de classes e de princípios, de ciência e fé, de Estado e igreja, de rico e pobre, mas fundidos numa unidade que a nova civilização imporá, assim no campo do pensamento, como no da ação.

O novo Estado será um gigantesco organismo, uma imensa forja de colaborações, em o qual máquina, trabalho, produção, riqueza, ciência, religião, tudo se fundirá e operará organicamente. Esta alta concepção de vida coletiva se acha imitada em círculo no sangue dos povos para produzir a valorização das massas. Essa a criação biológica que a Lei confia ao Chefe. A nova alma coletiva está por se desenvolver e afirmar e ele vigiará os primeiros movimentos desse seu filho pequenino, guiando-o e educando-o. Do conceito de estado-rei ao de estado classe-social, ao de estado-povo; do de poder absoluto ao de poder representativo, ao de poder-

função, o poder desce e se descentraliza, à medida que a consciência coletiva ascende e se dilata. É a ascensão do espírito, que progressivamente limpa de suas escórias o princípio, porquanto, nos equilíbrios biológicos, *a medida do mando é dada pelo grau de consciência alcançado*. Os povos precisam mais de mestres do que de liberdade, mais de guia do que de comando, enquanto não se acham maduros. O Chefe então observa; o seu povo será o seu corpo; sua aquela alma, seus aqueles tormentos, aquelas esperanças, aquelas vitórias. Chefe e povo: unidade indissolúvel. O mundo está em marcha. A realidade biológica impõe: ou evolução ou morte.

C — A Arte.

Ao pôr em foco os problemas de detalhe da fase *α*, coloquemos no ápice a arte, como suprema expressão da alma humana. Nenhum outro melhor exprime a idéia dominante de uma época. Às vezes, é graça e delicadeza; às vezes, simplicidade e força; às vezes, profundidade de espírito puro; às vezes, vazio ouropel de forma. Traduz sempre o pensamento humano, a ascender ou a decair, aproximando-se mais ou menos da grande ordem divina. O pensamento, que ora ousa, ora repousa, ora juvenil, ora decrepito, é, primeiro, retilíneo e cortante como a força; depois, arredondamento de linhas, um escorço em decadência, vão escoramento do vazio pela grandiosidade das formas. Estilo sereno ou audaz, límpido ou confuso, cansado ou potente, é sempre o semblante exterior da alma humana, do mistério de infinito que nela se agita. Como tudo o que existe tem uma fisionomia que é expressão de alma, revelação de um pensamento divino em que fala incessantemente o universo, também a arte é revelação de espírito. Tanto mais valerá, quanto mais transparente e simples for a sua forma, quanto menos se fizer sentir a si mesma, quanto mais substancial e potente for a idéia no eterno, quanto mais aderente à lei e quanto mais se impuser à forma. Fenômeno estritamente conexo às fases ascensionais ou involutivas do espírito, a arte se apaga quando o espírito dorme, porque somente nele está a sua inspiração. A arte é espírito e a matéria a mata; o materialismo a matou, mas agora tem ela de renascer.

Recomeçaremos novamente, com meios novos, mas, sobretudo, com uma grande idéia nova. O segredo de uma grande arte consiste em saber realizar o milagre da revelação do mistério das coisas, em saber exprimi-lo à luz dos sentidos, depois de uma profunda comunhão íntima com o mistério que palpita na alma do artista. Deve este ser um vidente, normal no supranormal, onde tudo é espírito e onde não chega a vossa habitual concepção da vida. A nova grande arte tem que ser completa, presumindo artista tam-